

# MELANIE KLEIN: AMPLIAÇÃO DAS POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO E ATENDIMENTO A LUZ DA PSICANÁLISE

SANTOS, Sabrina Aparecida Dos<sup>1</sup>  
JÚNIOR, Sérgio Bezerra Pinto<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho bibliográfico expositivo, tem como objetivo apresentar as considerações do papel que a autora Melanie Klein teve na teoria psicanalítica, assim como suas ideias impactaram a abordagem teórica e as práticas técnicas atuais. Ponderando a relevância da autora na ampliação das possibilidades de compreensão e atendimento infantil, que resultou na atual perspectiva psicanalítica, além de demonstrar como a técnica elaborada pela autora se mostra atual e efetiva no campo psicanalítico, evidenciando seu papel histórico na psicanálise, que ampliou a antiga visão do atendimento psicoterápico infantil, principalmente pela técnica do brincar, consolidando os conceitos de introjeção, projeção e fantasia.

**Palavras-chaves:** Psicanálise, Klein, Brincar.

## ABSTRACT

This bibliographic work aims to present considerations of the role that the author Melanie Klein played in psychoanalytic theory, and how her ideas impacted the theoretical approach and current technical practices. Pondering the relevance of the author in the expansion of possibilities of understanding

---

<sup>1</sup> Discente do 5º ano do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR.

<sup>2</sup>Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2018). Pós-graduado em Neuropsicopedagogia (2018). Pós-graduado em Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea (2019). Pós-graduado em Sexologia Humana e Terapia Sexual (2022). É membro do grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação e do Ensino da Leitura e da Escrita - GEPHEELE; bem como do Laboratório de Estudos em Psicologia Sociohistórica - LAEPSO da Universidade Estadual de Maringá e Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC), da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão. Professor do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR.

and child care, which resulted in the current psychoanalytic perspective, besides demonstrating how the technique elaborated by the author is current and effective in the psychoanalytic field, evidencing its historical role in psychoanalysis, which broadened the old view of child psychotherapeutic care, mainly by the playing technique, establishing the concepts of introjection, projection and fantasy.

**Keywords:** Psychoanalysis, Klein, Play.

## **RESUMEN**

Este trabajo bibliográfico expositivo tiene como objetivo presentar consideraciones sobre el papel que tuvo la autora Melanie Klein en la teoría psicoanalítica, así como también cómo sus ideas impactaron en el abordaje teórico y en las prácticas técnicas actuales. Reflexionando sobre la relevancia del autor en la ampliación de las posibilidades de comprensión y cuidado de los niños, que derivó en la perspectiva psicoanalítica actual, además de demostrar cómo la técnica desarrollada por el autor es actual y efectiva en el campo psicoanalítico, evidenciando su papel histórico en el psicoanálisis, que amplió la antigua visión de la atención psicoterapéutica infantil, principalmente a través de la técnica del juego, consolidando los conceptos de introyección, proyección y fantasía.

**Palabras clave:** Psicoanálisis, Klein, Juego.

## **INTRODUÇÃO**

A psicanálise começou a ser construída a partir da experiência clínica do médico e neurologista Sigmund Freud. Freud iniciou seus estudos em medicina aos 17 anos e formou-se em 1881. Logo depois de formado, Freud teve contato com Dr. Joseph Breuer, um dos médicos mais respeitados da Áustria, que tratava a histeria por meio da hipnose (BRENNER, 1987).

Ainda de acordo com Brenner (1987), Freud acompanhou alguns dos tratamentos conduzidos por Breuer. Um deles tornou-se notório: o caso clínico

“Ana O.”, no qual a cura pela fala deu seus primeiros sinais. Este caso foi narrado por Freud em Estudos sobre histeria, foi publicado entre 1893 e 1895 em co-autoria com Breuer, e é conhecido como o início da psicanálise (FREUD, 2016).

Logo a psicanálise foi consolidada, expandida e difundida posteriormente através de outros autores também, como Melanie Klein, Donald Winnicott, Wilfred Bion e Jacques Lacan (BRENNER, 1987). Alguns desses autores criam a partir da psicanálise de Freud alguns elementos teórico-técnicos que culminaram em outras correntes, sendo que tal processo possibilitou a formulação de mais conceitos bem como a inserção e transformação daqueles existentes.

Tendo como resultado desta variedade de experiência da teoria psicanalítica, as reflexões a respeito da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico, assim como implementação da técnica e, portanto, o método ligado a esse saber, ou seja, a ciência chamada psicanálise (BRENNER, 1987).

Dentro da organização da teoria psicanalítica existem dois fundamentos principais, o primeiro é que os processos psíquicos são na maioria das vezes inconscientes, e a consciência é uma parte de nossa vida psíquica total, enquanto o segundo ponto é que os processos psíquicos inconscientes são submetidos a nossas inclinações sexuais (BRENNER, 1987).

A questão do inconsciente é abordada pela primeira vez por Freud nos livros “Psicopatologia da vida cotidiana” de 1901 e “A Interpretação dos sonhos” publicado em 1899. O inconsciente é elaborado como um nível dotado de certa repercussão crítica quando se refere à censura, ou seja, um setor que regula os pensamentos e desejos recalcados que visam um caminho para se aproximar da consciência (LEITÃO; MENDES, 2018).

Para Leitão e Mendes (2018) o inconsciente não está localizado no espaço físico, o mesmo se faz presente de forma insistente aprofundando-se nos mecanismos dos quais se manifesta, como o próprio sintoma, os lapsos, ato falho, os devaneios, os chistes e os sonhos. Cabe ao analista percebê-los através da atenção flutuante, agindo por intermédio da transferência, visando trazer os fenômenos inconscientes para que o cliente entenda o sentido daquele conteúdo.

Outro conceito fundamental trata da repetição, a qual pode ser concebida como um ato que possibilita a performance do sujeito, se manifestando na análise como uma ação que mobiliza elementos psíquicos, durante a análise pode repetir ou atuar, mostrando o que “não pode” ser recordado (LEITÃO; MENDES, 2018). “Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, [1914]1969, p. 196). De modo geral, o analista tem a tarefa de transpassar os componentes repetitivos lidando com a resistência, buscando a elaboração da história ou da narrativa.

Já a transferência é um dos alicerces da teoria psicanalítica, de forma simples, as reflexões sobre esse conceito fenômeno supõe que é um efeito do discurso, um lugar inconsciente que o analista é convocado a ocupar, o lugar de um outro (LEITÃO; MENDES, 2018). Supondo que o outro detém o saber a respeito daquilo, de forma antecipada, colocando o analista como o direcionador do tratamento, calhando ao profissional administrar tal lugar, mantendo-o ou não. A habilidade de manejar tal mecanismo é o ponto chave da teoria analítica.

Percebe-se uma mudança significativa no pensamento freudiano: a transferência, antes entendida exclusivamente como uma resistência ao tratamento, fosse ela amorosa ou hostil, na verdade é o “seu melhor instrumento” (FREUD, 1916).

A pulsão é uma “força” que busca um “objeto” faltoso, tendo possibilidade de ser representado por qualquer exemplar, algo que na sua natureza impede de obter uma satisfação plena, afinal, a satisfação da pulsão é através do gozo, e este é um resto (LEITÃO; MENDES, 2018). Para Freud, a pulsão é:

(...) um conceito fronteiro entre o anímico (Seelischen) e o somático, como representante psíquico [psychischer Repräsentant] dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal. (FREUD, 1856-1939, p. 25).

Tal concepção remete a apresentação da tese geral a respeito da sexualidade, assim como tal conceito está presente em todas as etapas do desenvolvimento humano, inclusive na infância, ponto que foi defendido de forma assertiva por Melanie Klein.

Melanie Klein nasceu no ano de 1882, em Viena na Áustria, onde viveu com seus pais até se casar, após o casamento Melanie se muda para viver com o marido em pequenas cidades, primeiro na Eslováquia e posteriormente em Silésia (SEGAL, 1983). No entanto, a mudança que direcionou sua carreira foi a ida para Budapeste em 1910, pois seu marido buscava por emprego e foi lá que se instalaram efetivamente.

Enquanto se adaptava à nova vida em Budapeste, Melanie teve o primeiro contato com as obras de Freud, posteriormente Melanie recebeu acompanhamento através de análise com um psicanalista, o que acentuou seu interesse pela psicanálise, sendo válido mencionar que a mesma já se debruçava nas obras existentes a respeito da psicanálise (SEGAL, 1983). Em 1917 Klein teve oportunidade de conhecer pessoalmente Freud em um evento da sociedade psicanalítica húngara.

A partir daí em 1919, Klein passou a se dedicar à psicanálise onde se inscreveu na Sociedade de Psicanálise de Budapeste, pouco tempo depois em 1922 Melanie se divorcia, mas, em contrapartida, seu desenvolvimento profissional mostrava-se promissor mesmo quando percebia certas divergências de suas ideias com as concepções de outros autores, ainda assim manteve sua dedicação aos estudos (SEGAL, 1983).

No ano de 1925, Melanie Klein foi convidada a realizar uma série de conferências na Inglaterra sobre análise infantil, e no decorrer destes eventos efetuou o total de seis conferências que constituíram a base da parte inicial de seu primeiro livro A psicanálise de crianças. E em 1926 sua estadia prolongada na Inglaterra resultou na instalação permanente da autora em Londres, onde viveu até sua morte.

De modo geral Melanie Klein lançou as bases e desenvolveu as técnicas de análise de crianças, possibilitando uma nova perspectiva do desenvolvimento infantil, além disso Klein foi a responsável por expandir o campo da psicanálise clínica, redirecionando o atendimento a pacientes

psicóticos, borderlines e autistas, o que Freud contra indicava para aqueles que eram adeptos da teoria (SEGAL,1973).

Ainda segundo a autora as descobertas referentes a Klein, evidencia que as crianças em seus primeiros anos de vida vivenciam e sofrem com profundas decepções, bem como tentam conviver e enfrentar os seus impulsos sexuais e suas angústias mesmo não tendo maturação completa de seu aparelho psíquico, entre tantos outros pontos que foram célebres em sua carreira (SEGAL,1973). Desta forma, esse artigo visa demonstrar a relevância da autora Melanie Klein na ampliação das possibilidades de compreensão e atendimento a partir da psicanálise.

## **JUSTIFICATIVA**

É de suma importância compreender os aspectos sutis que ocorrem junto do amadurecimento e desenvolvimento da psique na infância, pois estes conteúdos serão aspectos estruturantes do adulto futuramente, assim como farão parte das características subjetivas daquele indivíduo, portanto, os pontos que são negligenciados na infância acabam por serem recalçados e agravados posteriormente, interferindo no funcionamento do aparelho psíquico.

De forma reflexiva pode se observar então que crianças que obtém êxito na elaboração de suas experiências sejam traumáticas ou com grande aspecto afetivo, tornam-se adultos com uma capacidade maior de estabelecer relações saudáveis lidando efetivamente com a realidade que está inserido. Ponto que enfatiza a inovação de Klein com a técnica de brincar, que possibilita a prática analítica no acompanhamento psicoterápico infantil, deixando no passado a ideia de que a criança era um ser inalcançável fornecendo um novo e atual caminho para a terapia infantil.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa possui caráter bibliográfico expositivo, voltando suas considerações ao papel que a autora Melanie Klein teve na teoria psicanalítica, assim como suas ideias impactaram a abordagem teórica e as práticas técnicas atuais. Ponderando a relevância da autora na ampliação das possibilidades de compreensão e atendimento infantil na atual perspectiva psicanalítica e demonstrando como a obra da autora ainda se mostra atual e efetiva no campo psicanalítico.

Para a produção de tal material será utilizado informações adquiridas por intermédios de livros como “introdução à obra de Melanie Klein” de 1973 “As ideias de Melanie Klein” de 1983, assim como “Noções básicas de psicanálise”, e artigos de comentadores que versam sobre a teoria e técnica apresentada por essa autora. Esta pesquisa será dividida na introdução à psicanálise antes das obras da autora, seguida da pontuação a respeito dos argumentos da mesma, seguindo com as consequências e continuidade do seu papel na abordagem, pontuando relevância e a implementação destas descobertas na perspectiva atual.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **4.1 - O desenvolvimento e a construção da Psicanálise**

Freud esteve em Paris no ano de 1889, pois demonstrou interesse na hipnose como uma possível técnica para o tratamento da histeria, devido a ter lido um livro de Bernheim, relacionado a “sugestão” da hipnose e suas aplicações terapêuticas (FOCHESATTO, 2011).

Anteriormente a hipnose era compreendida como o “deslocamentos da excitabilidade no sistema nervoso, que ocorrem sem a participação das partes que operam com a consciência” (FREUD, 1888-1889/1996, p. 113), sendo que ao estimular tal ação junto dos mecanismos psíquicos, por intermédio das “sugestões”, resultava segundo Freud em “uma ideia consciente, que foi introduzida, mediante influência externa, no cérebro da pessoa hipnotizada e por esta aceita como se tivesse surgido espontaneamente” (IDEM, 1888-

1889/1996, p. 113). Ou seja, a hipnose é um estado psicológico induzido por meio de um pêndulo, do movimento do dedo ou pela voz de outra pessoa, sendo utilizada como instrumento para diferentes formas de tratamento e diagnósticos.

Na época a “hipnose era considerada como uma técnica de sugestionamento, dando um aspecto corroborativo e relacionável psicologicamente no tratamento das patologias nervosas” (ROUDINESCO, 1989, p. 48-49). Mas alguns autores como Charcot tinham uma ideia de oposição, considerando a hipnose como um sintoma histérico, “uma condição mórbida artificialmente induzida” (GAY, 1989, p. 63).

Segundo Fochesatto (2011) Freud posteriormente corroborou com a oposição à hipnose devido que alguns pacientes não eram hipnotizáveis, onde relutavam em apresentar e colaborar com as indagações trazidas, levando a Freud investigar a fala sem censuras que demonstrou ser superior.

Então com o desenvolvimento das técnicas, a hipnose foi substituída pela associação livre. Segundo Freud, a livre associação permitia atingir com maior facilidade os elementos que estavam em condições de liberar os afetos, as lembranças e as representações. Tendo como norte uma escuta que não privilegia especificamente nem um, nem outro conteúdo, tratando de se de uma atenção flutuante. Ou seja, utiliza-se da associação livre para que simbolicamente deixasse os pensamentos conscientes, onde a escuta, assim como a fala, fosse o centro da Psicanálise (FOCHESATTO, 2011).

Em sua obra “A interpretação dos sonhos” (1900) Freud evidenciou a existência de dois pontos importantes que sustentariam a técnica da associação livre e também outras técnicas da psicanálise: “Destes dois enunciados a psicanálise faz uso muito amplo nas neuroses; ainda mais: eleva ambos à condição de pilares de sua técnica” (FREUD, 1900, p. 525).

O primeiro ponto é que ao abandonar as representações conscientes o indivíduo se entrega ao percurso incerto e interno das próprias representações, onde algumas destas representações estão ocultas (FREUD, 1900). Ou seja, levando isso em consideração, ao escutar o relato livre do cliente em algum momento, suas palavras que estão associadas ao lado conscientemente sucumbem ao que está oculto, no caso o “desejo” (Wunsch) que se manifesta no inconsciente. Neste momento as “representações ocultas” podem ser

percebidas pelo analista, direcionando o mesmo para a “interpretação” (Bedeutung) dos conteúdos do paciente, visando externalizá-los e trazê-los à tona como “conteúdo manifesto” (manifestes Inhalt) em conteúdo latente (latenter Inhalt).

O outro ponto é que associações superficiais podem ser compreendidas como um substituto, de outros objetos que foram suprimidos no interior (FREUD, 1900). Alcançando a clara ligação com o primeiro, pois a proporção que algo se apresenta também é à medida que evidencia como os conteúdos serão externalizados, “deslocando” (Verschiebung) referências do que está no inconsciente. O analista entende então que o que é dito, na maioria das vezes, é um disfarce daquilo que o locutor está procurando, um substituto do que o adoece. Deve se demorar na premissa de que “o cliente não consegue espontaneamente abandonar as representações relativas ao tratamento, inferindo que isso que o cliente relata, de forma inofensiva e aleatória, tem relação com seu estado patológico”. (FREUD, 1900-01, p. 525).

A análise em si não possui um prazo específico pré-estabelecido, porque o que está em questão é a busca do analista por uma representação oculta, o que implica na compreensão de como se manifesta as defesas na fronteira entre o inconsciente e o pré-consciente. Portanto, a técnica de associação livre como mencionado anteriormente, auxilia externalizando um norte por intermédio da fala livre junto da interpretação do analista, ponderando a dedução de Freud de que “os fenômenos podem-se reconduzir a um material psíquico incompletamente suprimido, um material que, forçado a banir-se {abdrängen} da consciência, não foi despojado de toda sua capacidade de exteriorizar-se” (FREUD, 1901, p. 270), simbolicamente os pensamentos podem tornar se conscientes após sair do lado oculto, sem precisar que o cliente esteja abstraído como na prática da hipnose, fazendo jus a troca técnica durante o desenvolver da psicanálise.

Estes avanços da psicanálise deram abertura para outros tipos de considerações e técnicas, assim como o estudo do desenvolvimento da mente humana. Zornig (2008) afirma que as relações entre a infância, adolescência e fase adulta, instigaram a curiosidade a respeito do início da formação da psique.

Porém, a delimitação entre o mundo adulto e o infantil é tênue, sendo assim viabiliza a ideia de que as crianças, muitas vezes, “na ânsia de corresponder aos desejos, ainda que inconscientes, dos pais, buscam compensar suas frustrações e conciliar suas expectativas, perdendo-se tentando apaziguar suas angústias rejeitando a própria infância” (ZORNIG, 2008, p. 73). Estas indagações levaram os pensadores da época a adentrar o território da psicanálise infantil, que até então era pouco explorada.

A teoria psicanalítica possui uma perspectiva a respeito do funcionamento e desenvolvimento da psique humana, onde pode se ter duas hipóteses fundamentais com uma visão geral, sendo que se é observado o “modus operandi” normal e patológico da mente. A primeira hipótese é que a consciência é um atributo comum se tratando dos processos psíquicos e os fenômenos que o procedem são incapazes de ter uma falta de conexão causal, não existindo uma descontinuidade mental (BRENNER, 1987).

A segunda hipótese é que os processos mentais inconscientes possuem equivalência de importâncias comparadas aos conscientes de forma que sua frequência e significados são compatíveis para o funcionamento do aparelho (BRENNER, 1987). Ambas hipóteses se relacionam de forma mutuamente complementar dentro do aparelho psíquico, sendo base para outras hipóteses da linha teórica.

O relacionamento dos conteúdos assim como as funções psíquicas são vinculados a percepção sensorial e com as forças instintivas denominadas “impulsos” que quando encontram-se em atividade fornecem uma excitação sobre o indivíduo a qual pode ser visto como “tensão” (BRENNER, 1987).

Segundo Brenner (1987) a teoria psicanalítica o aparelho psíquico possui três estruturas que funcionam efetivamente interligadas, o id, ego e superego.; ainda de acordo com o autor o id engloba as representações dos impulsos psíquicos, o ego é responsável pela função derivada das relações e ambiente em que o indivíduo está inserido, já o superego abrange as convenções morais e sociais que relacionam a mente bem como suas ideias (BRENNER, 1987).

Dentro desta perspectiva, após a identificação da estrutura do aparelho psíquico e suas funções, pode se fazer o movimento contrário que de forma objetiva é a identificação de desestruturação ou má funcionalidade do mesmo.

Sendo assim, a irregularidade funcional do mesmo geraria sintomas histéricos e possivelmente interferiria diretamente na vida do indivíduo de forma negativa (neuroses).

Os sintomas histéricos eram causados por lembranças inconscientes de acontecimentos acompanhados de intensa emoção que por uma ou outra razão não puderam ser adequadamente expressas ou descarregadas no momento em que ocorrerá o acontecimento real. Enquanto as emoções permanecem impedidas de se manifestar de maneira normal, persistiriam os sintomas histéricos (BRENNER, 1987, p.183).

Seguindo tal concepção psicanalítica pode se dizer que os sintomas histéricos surgem como consequência psíquica de situações ou momentos traumáticos. Na fase adulta a constituição neuropática poderia ser elaborada ou eliminada através da hipnose, associação livre e terapia (BRENNER, 1987).

#### **4.2 - A possibilidade do atendimento de Crianças de Freud a Klein**

Os primeiros passos da psicanálise de crianças tiveram origem quando Freud pressupõe que havia boas possibilidades de que as neuroses da fase adulta possuíam origens nas neuroses ocorridos na infância durante a época do complexo de Édipo, também ponderou que nestes casos a neurose infantil era suscetível a ser elaborada e resolvida caso percebida no início (SEGAL, 1983).

Trazendo então a concepção de que “o adulto repete o que viveu, mas a criança repete o que viveu e está vivendo” (BLINDER et al., 2011, p. 68). A concepção de “repetição” na infância também foi observada por Freud, para ele as crianças repetiam experiências desagradáveis pela razão adicional de tentarem dominar completamente uma impressão marcante através do modo mais ativo, do que podiam fazê-lo somente experimentando-a de forma passiva (LEITÃO, 2017). Ou seja, cada nova repetição poderia fortalecer a predominância que buscavam. Em contrapartida, “as crianças sequer podem ter as suas experiências agradáveis repetidas com frequência suficiente, e elas

são inexoráveis em sua insistência de que a repetição seja idêntica” (FREUD, 1920/2006, p. 45).

No entanto, apesar das pontuações promissoras de Freud os analistas da época mostravam-se relutantes em interferir no desenvolvimento e inocência da infância, assim como havia dificuldade técnica para a prática e cooperação das crianças, por fim, era impossível mantê-las quietas para a elaboração da associação livre (SEGAL, 1983).

Mesmo com a dificuldade técnica em interagir com as crianças era nítido que deveriam contestar a concepção de infância como sendo um período calmo e tranquilo, pois as crianças também precisam achar sentido para muitas questões e enigmas que geram muita ansiedade, elas vivenciam conflitos e contradições frente ao próprio desenvolvimento tendo-os como grandes mistérios da vida (PRISZKULNIK, 2004).

Diante destes fatores visíveis do sofrimento infantil os pontos desfavoráveis ainda interferiam no desenvolvimento da psicanálise infantil, onde perdurou estagnada até as colaborações de Melanie Klein. Em seu trabalho, Klein observou a habilidade natural das crianças em brincar e ao mesmo tempo se expressar utilizando a fantasia em jogos e brinquedos (SEGAL, 1983).

“O jogo não pode ser tomado como um dizer, como um discurso, mas como uma articulação lógica inscrita no entrelaçamento entre o real, simbólico e imaginário” (FERREIRA, 2000, p. 95). Klein identificou tais aspectos precocemente, o exemplo da técnica psicanalítica kleiniana do brincar, como modelo do seu método clínico, pode ser também reconhecido no tratamento do caso Dick (KLEIN, 1930).

Nos atendimentos com Dick, a criança tomava claramente a brincadeira com trens e túneis como uma encenação de fantasias sexuais inconscientes dirigidas à mãe e ao triângulo edípico (FULGENCIO, 2008).

Ao interpretar esses conteúdos, Klein considerou que Dick pôde substituir determinados objetos por outros, desviando-se e evitando os objetos que lhe representavam durante a fantasia o que lhe causava grande angústia, para outros, produzindo uma harmonização, levando a igualdade simbólica entre esses objetos, guiando Dick a expandir seu mundo de relações enquanto brincava, o que produzia uma diminuição das ansiedades (FULGENCIO, 2008).

“Esta brincadeira tornava possível a simbolização e a retomada do desenvolvimento psicosssexual” (KLEIN, 1930, p. 259). Sendo assim comprova acessibilidade a psique infantil bem como o seu tratamento e acompanhamento psicanalítico através da fantasia durante o brincar.

Ao ponderar sobre a fantasia dentro da psicanálise, percebe-se que é um fator que acompanha o indivíduo desde o nascimento, onde o mesmo depara-se com as inúmeras experiências de realidade como a gratificação e frustração de seus desejos, sendo assim, estas experiências da realidade influenciam de forma automática na fantasia inconsciente e por ela é influenciada (SEGAL, 1983).

Sendo assim, um dos primeiros aspectos da infância que é o fantasiar possui uma função organizativa como mencionado anteriormente, pois “a fantasia não é simplesmente uma fuga da realidade, mas um constante e inevitável acompanhamento de experiências reais com as quais está em constante interação” (SEGAL, 1983, p. 25).

Portanto, o ato de fantasiar auxilia o processo de negação, idealização e aceitação, agindo como um mecanismo de estruturação mental, sendo assim, quanto mais fantasioso são os atos e mais deformados são os objetos pelo que neles foi projetado durante a fantasia, ocorrerá em equivalência a administração das habilidades no contexto real, pois “à medida que prossegue o desenvolvimento, e que o sentido de realidade opera mais plenamente, os objetos internos se aproximam mais estreitamente das pessoas reais do mundo externo” (SEGAL, 1983, p.31).

Ao perceber tal mecanismo nas crianças Klein, ponderou que estas ações poderiam ser utilizadas como meio de comunicação, chamando atenção para a inibição lúdica como um ato importante bem como um sinalizador de desenvolvimento geral infantil (SEGAL, 1983). Então brincar e fantasiar além de ser uma forma de explorar e dominar o mundo externo, poderia ser utilizado como caminho reverso de controle a ansiedade e outros sintomas psíquicos, “afinal brincar, para a criança, não é apenas “brincar”. Também é um trabalho” (SEGAL,1983, p. 32).

Certamente há uma complexidade na maneira como isso é feito, bem como na maneira com que essa descoberta acaba por alterar a própria técnica de tratamento de pacientes adultos (FULGÊNCIO, 2008). Visto que comprovar

os fatores da primeira infância podem marcar os indivíduos antes mesmo da compreensão de si, gerou impactos relacionados à projeção e introjeção, principalmente na infância.

Em seu trabalho novamente Klein antecipou-se na compreensão da importância da projeção e introjeção na construção gradual do mundo interno na infância, assim como tais comportamentos poderiam ser espelhados no ato de brincar, onde a criança fantasiava as situações que lhe eram trazidas aos poucos, expondo seus conteúdos nas ações lúdicas, esse padrão se assemelhava a associação livre em adultos (SEGAL, 1983).

Na prática do livre jogo Klein percebeu que o mesmo pode ser inibido assim como na associação livre, podendo ter conteúdos manifestados ou suspensos completamente, assim como uma repetição rígida nas temáticas ou falta de imaginação, portanto, a técnica do brinquedo assim como na associação livre passava por resistência, no entanto ambas poderia ser reelaborada e resolvida através da acentuação e interpretação dos conteúdos (SEGAL, 1983).

Segundo Segal (1983) para Klein verificar tal processo utilizou de aspectos parecidos com o da associação livre, trouxe durante a brincadeira conteúdos inconscientes, para a consciência utilizando dos materiais (brinquedos) como intermediadores e objetos de transferência lúdica, onde as interpretações decorriam das devolutivas fantasiosa da ação, onde foram analisados os pontos positivos e negativos; Ao primeiro contato com a experiência da prática a criança mostrou-se ansiosa e agitada, no entanto, com o passar das atividades continuou a brincar elaborando formas de prosseguir com o jogo, sendo que ao final mostrava-se mais calma.

Com o passar do tempo e de aprimorar as técnicas, brinquedos e ambiente, Klein percebeu que apesar de as crianças não compreendem por completo a situação como em uma terapia com adultos, a criança sofre com problemas que desconhece a origem, pois não possuem um significado ou simbolismo para doença, logo não estabelecem um raciocínio lógico a respeito dos fatos. No entanto:

O jogo infantil expressa suas preocupações, conflitos e fantasias, e a técnica usada consiste em analisar o jogo exatamente como se analisam os sonhos e livre associações, interpretando a fantasia,

conflitos e defesa. Os desenhos da criança e suas associações com eles são, com frequência, particularmente instrutivos (SEGAL, 1983, p. 36).

A identificação projetiva pode ser primitiva durante a brincadeira, pois se assemelha ao processo de empatia, fornecendo a criança a possibilidade de identificação projetiva assim como a identificação introjetiva, utilizando a capacidade de se colocar no lugar do outro durante o processo, lidando de forma lúdica com os próprios conteúdos, fazendo com que seus conteúdos passem a ser simbólicos se reelaborando (SEGAL, 1983).

No entanto, apesar de todos os avanços haviam opiniões que buscavam refutar seus trabalhos devido a criança ter dificuldade na separação das projeções vinculadas ao país e analista. Porém, Klein percebeu durante sua pesquisa que:

O fato de a criança ser ainda dependente de seus pais não impede, em absoluto, o desenvolvimento da transferência, porquanto não é a relação com os pais reais que é transferida para o analista, mas a relação com a figura interna de fantasia-a imago parental (SEGAL, 1983, p.37).

Melanie Klein elaborou sua técnica como uma forma de comunicação com a criança, conseguindo acessar o inconsciente, firmando novos princípios psicanalíticos alterando os pontos de vista teóricos a respeito do desenvolvimento da sexualidade infantil e do aparelho psíquico (SEGAL, 1983). Klein, com suas pesquisas, retificou e estudou os conflitos e a estrutura psíquica infantil mudando e ressignificando diretamente a concepção de terapia com crianças.

### **4.3 A Importância e Influência do conceito de Introjeção**

Segundo Neves (2007) a introjeção e projeção são mecanismos que atuam desde o início da vida psíquica dos bebês, sendo que esta interação é posteriormente desenvolvida intensivamente na identificação projetiva na fase adulta. Assim como fantasiar durante o desenvolvimento da vida, auxilia o

sujeito na formação e impressão de seu mundo externo e interno, através dos processos de introjeção e projeção (KLEIN, 1986a).

De acordo com Pereira (2007), esses mecanismos são importantes para o estabelecimento dos objetos, onde podem ser concebidos como bons e maus dentro do mundo interno na infância. Ou seja, atuam de maneiras diferentes, desencadeados pelos impulsos instintivos da personalidade que está em desenvolvimento.

Portanto, esta interação de fantasias introjetivas e projetivas, determinam a relação da criança com seu mundo externo, sendo que no decorrer de toda a vida, a introjeção e projeção estarão presentes na adaptação dessa criança, em seus progressos e derrotas, estruturando uma possibilidade futura. A introjeção é um mecanismo primitivo do bebê de introjetar todos os objetos, iniciando com o seio materno, seguido pelo polegar, por brinquedos, etc. (PEREIRA, 2007).

A projeção possui origem nas identificações projetivas que a criança obtém por meio de suas fantasias, pois a mesma não estabeleceu a distinção entre o seu corpo e o outro, ela percebe o que a cerca como um prolongamento dela mesma (PEREIRA, 2007). Pontos que justificam uma concepção de identificação projetiva.

A introjeção, de acordo com seu significado, pode ser dividida em duas partes, o prefixo intro (para dentro) e do latim iacere (lançar), ou seja, lançar para dentro, trata-se de um mecanismo psíquico inconsciente onde o sujeito associa qualidades dos objetos do mundo exterior com conteúdo de seu interior (LEITÃO; MENDES, 2018).

Este mecanismo pode ser concebido como a base, ou começo de tudo, com a introdução dos objetos exteriores no território do ego. Ligando a introjeção a projeção, pois a introjeção um fator subsequente da projeção, onde através da introjeção do objeto no psiquismo ocasione o povoamento de representações, sendo responsável pela manifestação da própria linguagem e por todo processo de subjetivação (LEITÃO; MENDES, 2018). De forma geral os mecanismos de introjeção e projeção da criança constroem seu mundo interno, sua personalidade, através da experimentação das fantasias. Portanto, esses processos não podem ser concebidos de forma separada, mas sim como um todo de uma experiência única.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta exposição discursiva tem o intuito de explicitar a importância da caracterização geral do brincar, mostrando como que esse brincar é importante para psicanálise atual, porque explora os conteúdos lúdicos das fantasias infantis.

Onde a relevância de Melanie Klein está intimamente ligada às suas contribuições para a teoria, sendo que a ampliação dos conceitos e a implementação dos mesmos podem ser claramente observadas e divididas em três fases distintas (SEGAL,1973).

A primeira etapa iniciou-se com a publicação do artigo “Desenvolvimento da criança” que culminou na publicação de seu livro “Psicanálise da Criança” no ano 1932. Este momento estabeleceu os fundamentos da análise infantil e traçou o complexo de Édipo e o superego interligando-os até as origens primitivas do desenvolvimento.

No segundo período foi elaborado a formulação do conceito do posicionamento depressivo junto dos mecanismos de defesa maníaca, retratado nos artigos “Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos” publicado em 1934 e “Luto e sua relação com estados maníaco-depressivos” publicado em 1940.

Na terceira fase foi marcada pelo estágio mais primitivo, a qual Klein denominou como a posição esquizo-paranóide, que foi elaborada e detalhada em seu artigo “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” publicado em 1946, e em seu livro Inveja e gratidão publicado posteriormente 1957.

Na década de 1920 Melanie Klein deparou-se com a problemática da incapacidade das técnicas analíticas voltadas a infância, visto que, a maioria dos autores defendiam a tese de que as crianças não poderiam ter seus conteúdos trabalhados, pois não conseguiam elaborar queixas ou compreender as devolutivas analíticas. Deste ponto, Melanie Klein lançou uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento primitivo da criança, correlacionou a prática lúdica de brincar com a técnica da associação livre (SEGAL, 1973).

Segundo Segal (1973) brincar foi utilizado como uma ferramenta nova originando a técnica de brincar, onde a criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias elaborando aquilo que não conseguiria elaborar de forma coerente e consciente. Pois, não se pode exigir que crianças pequenas entendam a dinâmica da associação livre, no entanto o brincar é algo espontâneo que pode ser observado durante o processo de introjeção, pois através desse mecanismo podemos alcançar o mundo das representações infantis, o que assemelha-se no processo da associação livre que é deveras utilizada, no entanto no processo psicanalítico infantil existe o fator “fantasia” que oferece ligação ao conceito da transferência.

Afinal a transferência não reside na relação entre passado e presente, mas sim na relação existente entre mundo interno e mundo externo (NEVES, 2007), assim como o fantasiar durante a brincadeira, que estabelece uma conexão do mundo interno da criança com o mundo externo que a mesma vive, bem como o ambiente terapêutico. Conclui-se que as crianças não precisam ser enquadradas em técnicas adultas, elas podem experimentar e relacionar suas vivências dentro de suas próprias possibilidades no processo terapêutico, compreendendo suas questões sem uma ótica limitadora. Através desta perspectiva Klein conseguiu evidenciar seu papel na história da psicanálise, ampliando a antiga visão do atendimento e compreensão da terapia infantil, principalmente pela técnica do brincar.

## • REFERÊNCIAS

BENNER, C. **Noções básicas de psicanálise**; Tradução de Ana Mazur Spira-Imago editora LTDA, Rio de Janeiro, 5 ed., 1987.

BLINDER, C., KNOBEL, J., & SIQUIER, M. L. **Clínica psicanalítica com crianças** (L. Scabro, S. Wassal, & V. Monegato, trads.). Aparecida, SP: Ideias e Letras. 2011.

FERREIRA, T. **A escrita da clínica: psicanálise com crianças**. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2000.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 17-72). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1920). 2006.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a histeria**. Em co-autoria com Josef Breuer. Obras completas. v. 2. Trad. Laura Barreto. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. [1893-1895].

\_\_\_\_\_. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1901.

\_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos**. Obras completas. v. 4. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019 [1900].

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In: **ESB**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 189-203. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

\_\_\_\_\_. 1856-1939. **As pulsões e seus destinos / Sigmund Freud**; tradução Pedro Heliodoro Tavares. – 1. ed.; 1. reimp – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 2)

\_\_\_\_\_. (1888-1889). **Prefácio à tradução de De la Suggestion**, de Bernheim. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 111-121. (ESB, 1).

\_\_\_\_\_. Psicopatologia da vida cotidiana. In Complete Works (J. L. Etcheverry, trad.). **Eu voltei. Buenos Aires**: Editora Amorrortu. (Obra original publicada em 1901), 2001.

FOCHESATTO, W. P. F. A cura pela fala. **Estud. psicanal.** Belo Horizonte, n. 36, p. 165-171, dez. 2011.

GAY, P., **1923- Freud: uma vida para o nosso tempo / Peter Gay**; tradução de Denise Bottmann; consultoria editorial Luiz Meyer. — 2a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KLEIN, M. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In Amor, culpa e reparação: E outros trabalhos (1921-1945). **Obras completas de Melanie Klein**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1930.

\_\_\_\_\_. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In M. Klein (Org.), **Os progressos da psicanálise** (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1986<sup>a</sup>.

LEITÃO, I. B.; MENDES, F. M. S. De que se trata ser freudiano pela psicanálise lacaniana? Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise em Freud e Lacan. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 381-405, ago. 2018.

LEITÃO, I. B.; CACCIARI, M. B. A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível. **Estilos clinic**. São Paulo, v. 22, n. 1, jan./abr. 2017, 64-82.

NEVES, F. J. L. A psicanálise Kleiniana. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 21-28, set. 2007.

PEREIRA, O., M. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007.

PRISZKULNIK, L. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. **Psic**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 72-77, jun. 2004 .

ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França. **A batalha dos cem anos** (Vol. 1, pp. 1885-1939). Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Imago, editora LTDA, Rio de Janeiro, 2. ed., 1973.

\_\_\_\_\_. **As ideias de Melanie Klein**. Tradução de Álvaro Cabral.- São Paulo, Editora Cultrix, 1983.

ZORNIG, S. M. A.-J. (2008). As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. **Psicologia em Estudo**, 13(1), 73-77.